

Um Olhar Crítico sobre o uso do Ensino Remoto na Alfabetização e Letramento em tempos de Pandemia no Contexto da Desigualdade Social

Rosiane Pinto de Oliveira¹

Edgard Teodoro de Moura Filho²

Resumo

Entender as dificuldades do processo de alfabetização e letramento remoto de crianças carentes durante o distanciamento social imposto como medida preventiva a COVID-19 é o que este trabalho propõe. Neste buscar compreender esse processo é de grande importância pois somente por meio da alfabetização e letramento a criança pode se desenvolver de forma integral academicamente. O presente estudo inicia assim uma abordagem crítica do modelo de ensino remoto, suas concepções e como sua atuação ocorre diante da desigualdade social no país. Para o alcance dos objetivos, foi realizado um estudo bibliográfico. As discussões apontam que o processo de alfabetização e letramento por meio do ensino remoto tem se mostrado um grande desafio, a desigualdade social dos alunos tem se mostrado o principal impedimento para o sucesso desse empreendimento, a falta de acesso a tecnologias e a internet vem causando prejuízos esparsos para a educação das crianças vindas de famílias mais pobres, trazendo consequências que podem reverberar nos anos posteriores de sua vida acadêmica.

Palavras-chave: Alfabetização. Ensino remoto. Distanciamento social. Aprendizado. COVID-19.

Introdução

Com o advento da COVID-19, surgiu no Brasil a necessidade do distanciamento social, como uma das principais medidas de prevenção contra a proliferação do vírus, a frase “fique em casa” gerou novos obstáculos no estilo de vida do brasileiro, afetando principalmente o setor da educação, que devido ao fechamento das escolas, teve que repensar sua forma de ensino. Dessa forma, desde o início de 2020, as aulas remotas têm se mostrado o principal meio de ensino não somente no país mais em todo o mundo.

Com essa premissa entende-se que toda e quaisquer crianças, continua tendo acesso à educação em todas as suas modalidades. No entanto, a realidade é bem diferente dessa premissa esperada, o Brasil é um país de grandes dimensões e com

¹ Graduanda em Pedagogia pela FACETEN; Formada em Letras pela Universidade Estadual de Roraima-UERR. E-mail : rosiane.amsn@gmail.com

² Orientador: Prof. Pós-Doutor; Dr. e Mestre em Educação (UEP) Validação na UnB; Especialista em Gestão Escolar (IBPEX); Graduado em Matemática (UFRR), Engenharia Mecânica (Souza Marques/RJ) e Teologia (FACETEN). E-mail: etfilho57@gmail.com

desigualdades em igual tamanho, em diversas regiões como o Nordeste e Norte várias famílias encontram-se abaixo da linha da pobreza, vivendo em regiões isoladas, praticando agricultura de subsistência, sem acesso a energia elétrica, rede de esgoto saúde e muito menos internet, fatos que deixam explícita a realidade de uma grande parcela de crianças na idade de alfabetização, portanto levando ao centro do debate, essa modalidade de ensino remoto poderá alcançar todas as crianças de forma efetiva e necessária?

Compreende-se o novo modelo de ensino remoto durante o distanciamento social, no entanto esse modelo é falho, pois o Brasil como um país de dimensões continentais tem alunos que residem em diversos locais diferentes cuja grande maioria provem de famílias de baixa renda oriunda principalmente de agricultura, são pessoas que não possuem acesso celulares, computadores ou mesmo internet, tecendo assim um obstáculo nessa metodologia de ensino, defasando uma fase escolar tão importante para a criança.

A escolha do tema surgiu através da observação das desigualdades de condições de realização das novas rotinas e atividades pelas crianças em tempos de pandemia expondo dificuldades de contato, de acesso, de conectividade, de manutenção de vínculos escolares e principalmente de garantia dos direitos dessas crianças à aprendizagem, e diante dessa realidade e da mudança nas práticas de ensino, torna-se imprescindível entender até que ponto a didática do ensino remoto beneficia ou prejudica essas crianças.

Por meio do presente artigo busca-se incentivar um debate social e acadêmico, sobre as práticas de ensino e como elas podem influenciar o ensino/aprendizagem conforme o contexto social em que a criança se encontra, e posteriormente buscar alternativas viáveis para promover o acesso acadêmico de todas as crianças independentemente da sua condição social, pois atualmente no Brasil mesmo sem todo o contexto da COVID-19, ainda é comum encontrar crianças que não possuem acesso a educação.

Este trabalho trata-se de uma bibliografia reflexiva desenvolvida através de revisões de vários artigos científicos. Sendo dividido em: A alfabetização e letramento, os meandros do ensino remoto durante o distanciamento social e as limitações do ensino remoto no contexto social de crianças de baixa renda.

A Alfabetização e o Letramento

A alfabetização e o letramento são dois componentes que estão lado a lado desenvolvendo-se juntos na fase da educação infantil, somente com a alfabetização uma criança torna-se letrada e assim vice e versa, continuando sua influência fora do espaço escolar, com as experiências, vivências das crianças no seu dia a dia.

Para a melhor compreensão o Glossário do Ceale conceitua a alfabetização e letramento como algo que ocorrem da seguinte maneira:

Letramento, é o desenvolvimento de habilidades de uso social da leitura e da escrita, e a designar com a palavra alfabetização especificamente a aprendizagem de um sistema que converte a fala em representação gráfica, transformando a língua sonora – do falar e do ouvir – em língua visível – do escrever e do ler: a aprendizagem do sistema alfabético. Assim, a alfabetização, atualmente, é entendida como a aprendizagem de um sistema de representação da cadeia sonora da fala pela forma gráfica da escrita – o sistema alfabético – e das normas que regem seu emprego³.

Resumindo, a alfabetização é o processo de aprendizagem do sistema alfabético e de suas práticas, estando ligado a escola e representado em configuração de grafemas os fonemas da fala. O letramento por sua vez traduz-se no uso da leitura e escrita de forma individual e no ambiente tanto da escola quanto fora dela, tendo principalmente função social. Mesmo que ambos os conceitos alfabetização e letramento sejam distintos, em como suas especificidades quanto a objetos de conhecimento, na prática pedagógica, suas aprendizagens devem ser tratadas como em conjunto: a alfabetização deve harmonizar-se com o desenvolvimento das habilidades e utilização do sistema alfabético – com o letramento. O ideal é alfabetizar letrando, com o resultado da ação de “ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo torne-se, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado”

[...] é um processo complexo, com múltiplas dimensões que implica aprendizagens diversas e intervenção intencional e sistemática que crie condições de experimentação da escrita pelas crianças em que elas possam conhecer e utilizar os diversos modos como a escrita circula na sociedade, se apropriar⁴.

³ SOARES, M.; FRADE, I. S.; VAL, M. G. C.; BREGUNCI, M. G. de C. *Glossário Ceale. Termos de Alfabetização, Leitura e Escrita para educadores*. Belo Horizonte: UFMG, Faculdade de Educação, 2014, p.180.

⁴ SOARES, Magda. *Letramento. Um tema em três gêneros*. 2. ed., 2. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p.47.

Para Meneses, portanto a alfabetização:

das convenções do sistema alfabético, desenvolver procedimentos e habilidades necessários à leitura e à produção de textos em contextos significativos e relevante à vida das crianças⁵.

De acordo com Kleiman (2005) o processo de letramento tem mais a ver com o a função social, do que necessariamente a função acadêmica:

O letramento é complexo, envolvendo muito mais do que uma habilidade (ou conjunto de habilidades) ou uma competência do sujeito que lê. Envolvendo múltiplas capacidades e conhecimentos para mobilizar essas capacidades, muitos dos quais não têm necessariamente relação com a leitura⁶.

Diante do exposto, fica evidente que o letramento, além de ser essencial para uma educação de qualidade, torna-se indispensável para a vida social, pois é através dele, juntamente com outras práticas de ensino, que as crianças adquirem habilidades, conhecimentos e qualificações que auxiliam para a interpretação e interação com o mundo que está ao seu redor. Apesar dessa premissa e da reconhecida importância da alfabetização e letramento na educação infantil, no Brasil atualmente ela ainda encontra-se diante de um problema persistente, principalmente no que remete as crianças das escolas públicas oriundas das camadas mais pobres da sociedade trazendo assim discussões a respeito dos métodos de ensino da natureza das naturezas de aprendizagem das práticas metodologias.

Segundo Ferreiro (1993) o processo de alfabetização depende muito das metodologias de ensino, para ele:

[...] as crianças são facilmente alfabetizáveis desde que descubram, através de contextos sociais funcionais, que a escrita é um objeto interessante que merece ser conhecido (como tantos outros objetos da realidade aos quais dedicam seus melhores esforços intelectuais⁷.

Melhor dizendo, toda a criança pode ser alfabetizada e letrada, contanto que se leve em conta o seu contexto social, cultural e econômico. É algo vital e deve fazer sentido para as crianças, necessita demonstrar novas possibilidades de visão do mundo, abrir portas para algo extra refratário, porém desconhecido: o mundo da leitura

⁵ MENESES, M. M. N.; FRANÇA, A.C. G; LOPES, D. M. *A alfabetização em tempos de pandemia: o que dizem as laves?* - XXV EPE - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação, 2020, p. 2.

⁶ KLEIMAN, Angela. *Preciso ensinar o "letramento"? Não basta ensinar a ler e a escrever?* 1. ed. Campinas: MEC/Unicamp, 2005, p. 18.

⁷ FERREIRO, E. *Com Todas as Letras*. São Paulo: Cortez, 1993, p. 25.

e da escrita. É ir além das simples decodificações de letras, é aprender de forma profunda e compreender a realidade.

Dentro dessas concepções nos últimos anos a integração das ferramentas tecnológicas, e a necessidade de letramento digital tem se tornado uma constante, sendo inclusive mensuradas pela BNCC, é uma necessidade que tem requerido novas habilidades dos professores, a preparação de dinâmicas e estratégias para ensiná-lo na sala de aula.

Taldo e Fruet (2010), chamam a atenção para diversos fatores principalmente: “[...] há a necessidade de alterar-se a apresentação e organização dos conteúdos curriculares, as propostas de realização das atividades, distribuição dos tempos, definição das formas de participação do docente e sua interação junto aos alunos nesse processo”⁸.

No entanto, praticar a inclusão digital no ambiente escolar tem se mostrado um desafio, principalmente no que toca a escolas da rede pública de ensino, reconhecidas pelas dificuldades inerentes, falta de estrutura física, materiais didáticos, recursos financeiros e profissionais com formação adequada, e todas essas questões representam um obstáculo nas mudanças de paradigmas que trouxessem a tona esse desenvolvimento de oportunizar as crianças das escolas públicas, uma nova didática de ensino por meio do consórcio do ensino comum as novas tecnologias de modo a expandir o mundo dos alunos e prepará-los para desenvolver suas habilidades em todas as suas potencialidades.

Dentro desse contexto da pandemia da COVID-19, e distanciamento social em 2020 nos deparamos com a importância da utilização da tecnologia no ensino remoto na alfabetização e letramento das crianças. Segundo Sampaio (2020) isso ocorre pois com a pandemia, as práticas utilizadas em sala de aula foram prejudicadas devido ao isolamento social, tornando-se necessário adotar novas medidas que atendam as demandas do ensino virtual. Logo, diante de uma realidade atípica e inesperada, os professores e instituições de ensino tiveram que se reinventar, se adaptar ao momento em que a humanidade vivencia, encontrou-se no ensino remoto os meios necessários para a retomada de aulas para os educandos do mundo inteiro, e através disto ultrapassar as fronteiras do distanciamento social.

⁸TOALDO, T.; FRUET, F.S.O. *Atividades lúdicas no processo de alfabetização e letramento: jogos educacionais disponíveis na internet*. 2010. (Especialização em Mídias na Educação), Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010, p.02.

Os meandros do Ensino Remoto durante o Distanciamento Social

Em razão à pandemia do novo corona vírus, escolas de todo Brasil tiveram suas atividades temporariamente suspensas, com a finalidade de preservar a saúde dos estudantes e demais funcionários que integram a escola. Devido a essa suspensão, uma das estratégias empregadas para tentar conter o avanço da Covid19 no Brasil, ocasionou novos desafios aos gestores, professores e famílias, diante do caos, ambiguidade, medo, pânico.

Segundo Pasini et al. (2020), a primeira orientação decretada foi o distanciamento social, como forma crucial para bloquear os casos e demandas por atendimento nos hospitais, postos de saúde, entre outros, assim:

Estabelecimentos de Ensino – creches, escolas, universidades – estão com suas atividades escolares presenciais suspensas, o que atinge milhões de estudantes em todo o país. Apesar do fato ser terrível e estar prejudicando o ensino e a aprendizagem, a suspensão das aulas é medida essencial para se evitar a propagação da contaminação, tendo em vista que a escola é um ambiente de natural contato⁹.

O distanciamento social recomendado pela Organização Mundial de Saúde (OMS), como providencia de contenção do novo Corona vírus, resultou segundo as Organizações mundiais como a Unesco (2020) e a Unicef (2020) com o fechamento as escolas, foram contabilizados um total de 91% de alunos do mundo e mais de 95% da América Latina com atividades escolares suspensas devido a COVID-19. No Brasil a quantidade de estudantes prejudicados pela suspensão das aulas gira em torno de 48 milhões que frequentam cerca de 180,6 mil escolas de Educação Básica. Em números mais específicos, foram 109.644 escolas que contemplavam dos anos iniciais do ensino fundamental que atendem a 8.972.778 de estudante, e na educação infantil cerca de 114.851 escolas que atendem por volta de 15.018.498 estudantes (INEP, 2020).

A mudança na educação foi portanto palpável, necessitando da introdução de novas tecnologias para continuar o processo de educação de milhões de alunos nos Brasil, assim com a assistência da tecnologia e novas ferramentas, foram efetuados inúmeros ajustes para atender famílias que estão em distanciamento social. Para pensar em soluções eficientes, evitar o agravamento das desigualdades, e evasão

⁹PASINI, Carlos Giovanni Delevati; CARVALHO, Élvio de Carvalho; ALMEIDA, Lucy Hellen Coutinho. *Educação Híbrida em tempo de Pandemia: algumas considerações*. Ministério da Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Observatório Socioeconômico da COVID-19. Fapergs, 2020, p.02.

escolar e repetência, as atividades escolares foram ofertadas, a todas as etapas de ensino desde a Educação Infantil até o Ensino Superior.

Para Luiz (2020) o distanciamento social pode afetar os estudantes e causar retrocessos no seu desenvolvimento, portanto:

[...] para minimizar os efeitos causados com relação à educação em todos os níveis, criou-se o Ensino Remoto Emergencial (ERE) que são estratégias didáticas e pedagógicas criadas para diminuir os impactos das medidas de isolamento social sobre a aprendizagem, mediadas por tecnologias ou não e ajudam a manter os vínculos intelectuais e emocionais dos estudantes e da comunidade escolar¹⁰.

Nos dias presentes, a educação pública vive desafios, em meio aos quais tocam no que refere-se a alfabetização, a letramento e utilização de novas tecnologias nesse processo. Configurado às pressas como a principal alternativa pedagógica no período de quarentena, o ensino remoto, não apenas tem mostrado dificuldades específicas de funcionamento (viabilidade tecnológica, pouco acesso à internet, organização e distribuição de atividades, instituição de novas formas de relação e de comunicação entre professores e alunos, escola e família, organização em diferentes disciplinas, atendimento dos alunos, seja em classe ou individualmente), foi particularmente afetado pela confusão entre diferentes modalidades de ensino.

Na euforia de encontrar resposta rápida para problema, que evitasse o comprometimento do ano letivo, o núcleo educador deixou de considerar que as diferentes modalidades de ensino – presencial, remoto, à distância e domiciliar – possuem suas próprias características de ensino, dinâmicas na sala de aula e principalmente no que toca a alfabetização e letramento a necessidade de tutoria pessoal do professor, para guiar o aluno nos meandros da leitura e escrita. Bhabha (2020) nomeou tal situação de “lugar fronteiro”, para o autor a inserção brusca de novas tecnologias na Educação Básica presencial para a remota emergência, causou lugar de entrecruzamento, de intersecção.

A fronteira é mesclada de valores e normas de um lugar com outro, ou seja, é no lugar fronteiro onde acontecem os encontros com o diferente, o desconhecido, favorecendo a experiência do “além-limite”. Nesse contexto o que é “novo” que está além do conhecimento e cotidiano, pode trazer um sentimento de estranheza, e por

¹⁰ LUIZ, Sylvania de Souza Felipe. *Alfabetização na pandemia: realidade e desafios*. Monografia (Pedagogia). Universidade Federal da Paraíba/João Pessoa. 2020, p. 7.

muita vez causar reticências. Por mais conhecedor que um indivíduo seja, por mais que se dedique em aprender, ele sempre será aturdido pelo desconhecido: assim, a sensação que sentimos, nos princípios da educação intercultural, intitula-se como “estranho” (BHABHA, 2010).

Autores como Poersch (1990) e Pires et al., (2010) citam as dificuldades do processo de ensinar a língua materna, visto que envolve não somente o aluno, mais principalmente o professor. Entendemos a partir disso que o processo de alfabetização e letramento carrega em seu cerne uma série de especificidade que exigem o ensino presencial, o ensino da língua materna em seu estado de atual de ensino já se mostra um desafio devido aos minuciosos aspectos específicos existentes, portanto tentar realizar esse mesmo trabalho a partir do ensino remoto é realizar uma atividade completamente diferente, pois nesse contexto o processo de ensino não pode ser considerado o mesmo

Craig (2020) e Banerjee (2007) afirmam que o processo de aprendizagem remoto não é equivalente ao presencial, pois esses modelos de ensino têm suas limitações e, com efeito, não conseguirão substituir a experiência escolar presencial, em particular, quando empregadas em escala na Educação Básica.

Ainda para Banerjee (2007) os alunos que têm atividades somente a distância aprendem menos do que aqueles que frequentam o ensino presencial nas escolas, mesmo levando em consideração outros fatores que são capazes de afetar o desempenho acadêmico, e de modo semelhante, mesmo quando o ensino não ocorra totalmente a distância, muitos estudos mostram que mesmo o ensino ainda tem efeitos educacionais na aprendizagem dos alunos, além de apontarem que muitas tendem a ser pouco custo-efetivas. Dinâmica que gera o debate dos verdadeiros efeitos do ensino remoto emergencial no país, e seus efeitos para as gerações futuras.

As Limitações do Ensino Remoto no Contexto Social de Crianças de baixa renda

O atual contexto de novas tecnologias ampliou a comunicação e o acesso à informação, tendo os alunos e suas famílias a possibilidade, ainda que limitada, de acessar novos canais de comunicação. Entretanto, o processo de construção social brasileiro deixou fortes marcas na socialização da população que independe, em alguns aspectos, dessas mudanças.

De modo geral, os alunos que frequentam as escolas públicas, em função das experiências de cidadania precária que vivenciam, enfrentam obstáculos curriculares

em suas trajetórias escolares. No entanto, a escola pode reproduzir essas desigualdades, sociais ou escolares, ou então avaliadas e lutar para construir novas dinâmicas, ainda que com dificuldades estruturais do processo de escolarização.

A implantação da educação remota vem evidenciando diversas disparidades de ordem tanto socioeconômica quanto cultural, acentuando os problemas existentes no nosso país. As questões socioeconômicas estão, principalmente, ligadas aos alunos das escolas públicas de baixa renda, e mais comumente famílias carentes, que não possuem acesso à rede ou a dispositivos digitais.

Os dados da pesquisa “TIC Domicílios” realizada pelo Comitê Gestor da Internet (CGI.BR, 2019) mostram que, apesar dos avanços percebidos ao longo da última década, o uso da rede no país ainda ocorre de forma bastante desigual. Segundo CELTIC (2018), conforme os levantamentos realizados em 2018, no acesso a internet, o Brasil apresenta os seguintes dados e 67% dos domicílios possuem acesso à rede, dados que inicialmente parecem promissores, no entanto esse percentual divide-se entre as classes sociais, esse total dividido em dados mais específicos indicam o seguinte: 99% das residências de classe A no Brasil possuem acesso à internet, 94% na classe B, 76% na classe C, apenas e 40% das residências da classe D e E possuem algum ponto de internet.

Dados que trazem a tona a questão do ensino remoto, e como o processo de ensino 100% a distância afeta os alunos de diferentes classes sociais, indicando um importante sinal aos sistemas educacionais, de modo que a escolha de soluções tecnológicas deve ser feita considerando conteúdos que se adaptem aos equipamentos disponíveis e, é claro, à baixa qualidade da conectividade em diversas regiões do Brasil.

Ainda sobre equidade, outra preocupação na mudança do ensino presencial para totalmente a distância é o aprofundamento das desigualdades de aprendizagem por conta dos conhecimentos e competências já desenvolvidos até então pelos alunos. Por mais que existam experiências bem sucedidas de soluções tecnológicas que beneficiam, em maior grau, os alunos de baixo desempenho acadêmico, contribuindo para reduzir as disparidades educacionais, elas invariavelmente são implementadas como suplementar ao ensino presencial (BANERJEE, 2007).

Já quanto ao ensino totalmente online, as experiências mostram que ele tende a ser mais efetivo para aqueles estudantes que já possuem um desempenho mais alto (AHN, 2017), gerando riscos de acentuação da já elevada desigualdade de

aprendizado entre os alunos brasileiros salienta-se ainda que, outros problemas também dificultam o ensino, por exemplo, a falta de ferramentas digitais, dentre elas, computador, celular, internet, etc. O que traz à tona o grande problema social do Brasil, tendo em vista que grande parte da população vive em miséria, condições precárias ou somente estáveis o suficiente para viverem, mas sem muito conforto além do básico, sem espaço e oportunidades satisfatórias para que se torne possível o acesso a uma internet de qualidade e a um dispositivo que preencha os requisitos para se ter acesso a aula.

De acordo com Santos (2020):

Qualquer quarentena é sempre discriminatória, mais difícil para uns grupos sociais do que para outros e impossível para um vasto grupo [...] que têm em comum padecerem de uma especial vulnerabilidade que precede a quarentena e se agrava com ela¹¹.

Ademais, outra questão crucial é a falta de um ambiente apropriado e controlado para que se possa obter um ensino de qualidade, tendo em vista que na maioria das vezes, principalmente na rede pública, os alunos vivem em condições não satisfatórias, sem um local no qual eles possam assistir às aulas adequadamente. Falta, muitas vezes, um local separado em que os alunos possam sentar em silêncio e sem interrupções para assistir as aulas, bem como o suporte emocional que é imprescindível para que o aluno possa ter um bom proveito do ensino. “Fato é que, na prática, as instituições de educação têm enfrentado de maneiras distintas a situação da suspensão das aulas presenciais, a depender de cada rede, escola ou o nível de ensino, [...]”¹² Neste momento, é possível perceber que as políticas públicas de inclusão digital que vêm sendo desenvolvidas desde os anos de 1990 não foram eficazes. Conforme Saraiva e Santos (2009), a inclusão digital no Brasil deu-se por meio de ações cujo lócus eram as escolas. A última iniciativa nesse sentido foi o Programa Educação Conectada, lançado em 2017, que tem por objetivo equipar escolas com internet de alta velocidade. Agora, constata-se que a internet torna-se realmente necessária quando os alunos não podem ir à escola. Sendo que segundo Saraiva,

¹¹SANTOS, B. *A cruel pedagogia do vírus*. 1. ed. Coimbra: Edições almeidina, 2020. p 07.

¹²SAMPAIO, Renata. *Práticas de ensino e letramentos em tempos de pandemia da COVID*. Research, Society and Development, 20 de maio de 2020, p.15.

A educação remota vem trazendo questões e desafios para a Educação Básica e para a docência, mas, mesmo com todas as dificuldades, não se coloca em questão a paralisação dessas atividades. Insegurança, necessidade de adaptações rápidas, invasão da casa pelo trabalho e pela escola, ansiedade frente às condições sanitárias e econômicas são elementos presentes no cenário atual que vêm produzindo professores em estado de exaustão¹³.

Desta forma, observa-se que o ensino que estamos vivenciando necessita de algumas melhorias. Apesar dos esforços, ainda encontramos um déficit no ensino e na tecnologia ofertada aos educandos. Pois, vemos que o ensino remoto traz consigo desafios a serem enfrentados. Ou seja,

A suspensão das aulas presenciais trouxe esse desafio para gestores, professores e familiares. Nas redes públicas, dadas as dificuldades das famílias em relação ao acesso ao contato digital, mesmo nos contextos em que foram desencadeadas estratégias de manutenção de atividades, não houve a mesma sistematicidade em termos de frequência, duração e adequação às necessidades pedagógicas das crianças. Novas questões emergiram: como manter vínculos com as crianças das escolas públicas se suas condições de conectividade remota são precárias ou inexistentes? Como proceder com as crianças dos dois primeiros anos ainda não alfabetizadas? Como dar prosseguimento ao processo de alfabetização em atividades significativas a elas e às suas vidas e com intervenções necessárias ao avanço no modo remoto? ¹⁴.

Devido a essas dificuldades, a implantação da educação remota vem evidenciando ainda mais as disparidades socioeconômicas e culturais existentes no nosso país. As questões socioeconômicas estão, principalmente, associadas aos estudantes das escolas públicas em situação de vulnerabilidade, que não possuem acesso à rede ou a dispositivos digitais.

A Discriminação da Prática do Ensino Remoto

A suspensão das aulas presenciais originou um grande desafio para gestores, professores e familiares. Na rede pública de ensino, no que interesse as famílias diversas dificuldades foram encontradas em relação ao ensino remoto, apesar de toda Estratégia de ensino e manutenção das atividades, não ocorreu para essas famílias o mesmo sistema, ao que concerne a adequação as necessidades pedagógicas dessas crianças.

¹³ SARAIVA, Karla; TRAVESIRNI, Clarice; LOCKMAN, Kamila. *A educação em tempos de COVID-19: ensino remoto e exaustão docente*. Práxis Educativa, Ponta Grossa, v. 15, e2016289, p. 1-24, 2020, p.14.

¹⁴ MENESES, 2020, p.03.

Dessa forma para Meneses (2020), novas questões emergiram dentro desse contexto:

Como manter vínculos com as crianças das escolas públicas se suas condições de conectividade remota são precárias ou inexistentes? Como proceder com as crianças dos dois primeiros anos ainda não alfabetizadas? Como dar prosseguimento ao processo de alfabetização em atividades significativas a elas e às suas vidas e com intervenções necessárias ao avanço no modo remoto? Essas e outras questões foram objeto de discussão nas lives, enquanto espaços de diálogo sobre a alfabetização no contexto da pandemia. Como foram abordadas?¹⁵.

Apesar das medidas tomadas para o ensino remoto, que resultou na ampliação das tecnologias, e deu as famílias e alunos a possibilidade de continuidade de seus estudos, de modo que não se prejudicasse pela suspensão das aulas presenciais, existe um empecilho inerente a esse processo, a construção social do Brasil, que deixou fortes cicatrizes na socialização da população de baixa renda, fazendo com que de certo modo os alunos que frequentam as escolas públicas tenham experiências precárias, ao enfrentar suas trajetórias escolares.

Na escola pública quando ocorre a mudança do ensino presencial para o totalmente remoto tende a ocorrer desigualdades na aprendizagem, nesse mesmo cenário quando escola insere a tecnologia no cotidiano dos alunos dependendo de suas metodologias e práticas de ensino a instituição que pode gerar desigualdade acadêmica por conta dos conhecimentos e competências já desenvolvidos até então pelos alunos alguns com melhores condições prejudicando uma grande parcela dos oriundos de baixa renda e de comunidades isoladas.

Segundo Banerjee (2007) e Ahn (2017), é preciso repensar a utilização de soluções tecnológicas, visto que elas tendem a beneficiar somente uma pequena parcela dos educandos, ou seja, aqueles que já possuem desempenho acadêmico mais alto, cujas condições de vida são financeiramente melhores, deixando para trás os demais alunos, contribuindo para as disparidades educacionais, gerando riscos de acentuação da já elevada desigualdade de aprendizado entre os alunos brasileiros.

De acordo com Saraiva (2020):

A educação remota vem trazendo questões e desafios para a Educação Básica e para a docência, mas, mesmo com todas as dificuldades, não se coloca em questão a paralisação dessas atividades. Insegurança, necessidade de adaptações rápidas, invasão da casa pelo trabalho e pela escola, ansiedade frente às condições sanitárias e econômicas são

¹⁵MENESES, 2020, p.06.

elementos presentes no cenário atual que vêm produzindo professores em estado de exaustão¹⁶.

Para Almeida (2020), o contexto da tecnologia traz a tona, diversos problemas quando se trata da logística do ensino remoto, principalmente no que toca a parte mais carente da população:

[...] a quantidade massiva de conteúdo e atividades que passaram a ser disponibilizadas nas plataformas digitais de algumas escolas brasileiras devido a COVID-19, demandam e pressupõem que os sujeitos possuam certas habilidades e competências de letramento digital. Habilidades operacionais que compreendem o uso e reconhecimento da interface e suas funcionalidades; habilidades informacionais que compreendem o reconhecimento, a busca, o acesso e recuperação da informação em banco de dados Letramento Digital em tempos de COVID-19¹⁷.

Nesse sentido é essencial, também, ponderar como as pessoas das classes mais baixas tem acesso a internet e se possuem esse acesso, segundo o CELTIC (2018) e o CGI.BR, (2019), 84% das residências de classe D e E tem acesso a internet pelo telefone celular, quanto aos computadores cerca de apenas 42% das residências da classe C, apesar desses dados as pesquisas indicam ainda, que uma grande parcela da população brasileira não possui acesso a internet principalmente pelo alto custo, e o fatos de não saberem utiliza-la.

Esses dados indicam que as condições de aquisição de tecnologias e internet das comunidades mais vulneráveis para se adaptar ao ensino remoto durante o distanciamento social, é um grande problema que vem gerando desigualdades educacionais.

Segundo o IBGE em 2015 o Brasil apresentou índices de 4.9% da população vivia em extrema pobreza cerca de 9,9 milhões de pessoas, desde então o país vem apresentando nos últimos cinco uma curva descendente nesse índice de pobreza, em 2019 os dados apresentados pelo instituto indicam que de cerca de 6,5% da população brasileira vivia com menos de R\$ 1,50 por dia, um total de 13,7 milhões de pessoas, uma estimativa 20,2%, aumento de 3,8 milhões nesse período de cinco anos. Em 2020, entretanto, a tendência foi interrompida graças ao pagamento do auxílio

¹⁶ SARAIVA, Karla; TRAVESIRNI, Clarice; LOCKMAN, Kamila. 2020, p.16.

¹⁷ ALMEIDA, Beatriz de Oliveira; ALVES, Lynn Rosalina Gama. *Letramento digital em tempos de COVID-19: uma análise da educação no contexto atual*. Debates em educação. Vol. 12. Nº. 28. 2020, p.03.

emergencial, que tem amortecido o efeito da crise, especialmente entre as famílias de baixa renda, no entanto sabe-se que a medida é provisória.

Diante dos dados do IBGE, pode-se ter em vista que uma parcela considerável da população brasileira vive em miséria, condições precárias ou somente estáveis o suficiente para viverem, com o adventos dos programas sociais como bolsa família e mais recentemente o auxílio emergencial, a situação dessas pessoas tem se estabilizado, no entanto isso não significa que sua situação financeira ou social tenha se alterado, pelo contrário, desde a proliferação da COVID-19, a necessidade de distanciamento social, e conseqüentemente o fechamento de comércios, lojas bares entre outros tem havido demissões em massa, aumento da inflação e problemas na economia do país, aumento na produção de alimentos que refletem no preço final.

Desse modo, tudo isso contribui para a precarização dessa população, quem antes vivia em extrema pobreza hoje vive em situação de miserabilidade, e esse dinheiro somente é o suficiente para alimentação, internet e novas tecnologias são um luxo do qual milhões de brasileiros não podem dispor.

O distanciamento social somente deixou evidente a situação social de uma grande parcela dos alunos, aumentando assim a lacuna de oportunidades e evolução acadêmicas, entre as classes mais pobres e as mais abastadas.

De acordo com Santos (2020):

Qualquer quarentena é sempre discriminatória, mais difícil para uns grupos sociais do que para outros e impossível para um vasto grupo [...] que têm em comum padecerem de uma especial vulnerabilidade que precede a quarentena e se agrava com ela¹⁸.

Ademais, a questão crucial é a falta de uma didática de ensino apropriado para prover um ensino de qualidade, tendo em vista que a maioria das vezes, principalmente na rede pública, os alunos vivem em condições não satisfatórias. Falta, por vezes o entendimento de que nem todos possuem condições financeiras para assistir as aulas nessa modalidade, refletindo muitas vezes no seu aprendizado.

Considerações Finais

As circunstâncias geradas pelo COVID-19 deixaram explícito questões já existentes no ensino presencial, que posteriormente vieram a se agravar com ensino

¹⁸ SANTOS, 2020, p.15.

remoto, evidenciando principalmente as dificuldades do processo de alfabetização e letramento nas escolas públicas.

Desde 2020 o processo de ensino remoto vem trazendo a tona um grande problema que foi ignorado até os dias atuais: A desigualdade social no Brasil. Essas questões tem demarcado fronteiras robustas entre os alunos de diferentes classes sociais, enquanto algumas crianças têm acesso às tecnologias de ponta, possuem acesso ilimitado à internet e recebem em casa o apoio dos pais/responsáveis, muitas outras ficam na borda deste processo, lhes falta desde o acesso a equipamento tecnológico, acesso à internet, orientação, e responsáveis que se dediquem a auxiliá-los, e nessa mesma conjuntura existem crianças cujas famílias encontram-se em situação tão extrema pobreza e vulnerabilidade social que mesmo a energia em casa torna-se um luxo.

A partir das dificuldades encontradas no campo educacional e no tocante ao acesso à tecnologia e internet, que existe uma urgência de reestruturação nas Políticas Educativas e investimento massivo em Políticas Sociais - uma vez que a igualdade e equidade nas escolas depende muito do acesso aos bens sociais – pois enquanto perdurar a desigualdade social, é impossível que todas as crianças tenham acesso à educação de qualidade, e possam desenvolver seu potencial acadêmico dando-lhes oportunidade de futuros iguais, independente das classes sociais.

Acreditamos que a sociedade como conhecemos, estará mudada para sempre, o termo “normalidade” por muito tempo não fara sentido, ao menos ao que entende-se como normal para nossa comunidade antes da disseminação da COVID-19. É necessário que o caminho percorrido até os dias de hoje e as aprendizagens que foram desenvolvidas tanto pelos profissionais quanto por toda a rede educacional tornem-se vitais e sejam preservados como heranças vivas, possibilitando-nos configurar as escolas na pós-pandemia, e sanar um dos seus principais problemas, a desigualdade social que afeta o processo de escolarização de milhares de crianças no Brasil.

Apesar da confirmações das hipóteses iniciais no presente artigo, ainda são necessárias mais pesquisas acerca do tema tratado, para entendermos o problema que o ensino remoto trouxe no atual contexto da desigualdade social no Brasil, por se tratar de uma revisão bibliográfica as discussões e conclusões apresentadas baseiam-se nas ideias de outros autores, portanto para melhores conclusões e complemento

do artigo seriam necessárias pesquisas de campo e acompanhamento do cotidiano escolar e domésticos desses alunos.

Abstract

Understanding the difficulties of the process of literacy and remote literacy of underprivileged children during the social distance imposed as preventive measures to COVID-19 is what this article proposes. In this search to understand this process is of great importance because only through literacy and literacy can the child develop academically. The present study thus initiates a critical approach to the remote education model, its conceptions and how its performance occurs in the face of social inequality in the country. To achieve the objectives, a bibliographic study was carried out. The discussions point out that the process of literacy and literacy through remote education has proved to be a great challenge, the social inequality of students has proved to be the main impediment to the success of this enterprise, the lack of access to technologies and the internet has been causing sparse damage to the education of children from poorer families, bringing consequences that may reverberate in the later years of their academic life.

Keywords: Literacy. Remote teaching. Social distancing. Apprenticeship. COVID-19.

Referência Bibliografica

AHN, J. e MCEACHIN, A. **Student Enrollment Patterns and Achievement in Ohio's Online Charter Schools**. Educational Researcher, Vol. 46. 2017. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/Student-Enrollment-Patterns-and-Achievement-in-Ahn-McEachin/ea999d7885b2f1136414b6abb12d292fe5f5d563>. Acesso em: 15 abr. 2021.

ALMEIDA, Beatriz de Oliveira;ALVES, Lynn Rosalina Gama. **Letramento digital em tempos de COVID-19: uma análise da educação no contexto atual**. Debates em educação. vol. 12. nº. 28. 2020.

BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. 5. reimp. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

BANERJEE, A., COLE, S., DUFLO, E. e LINDEN, L. Remedying Education: Evidence From Randomized Experiments in India. **The Quarterly Journal of Economics**. 2007. Disponível em: <https://www.economics.mit.edu/files/804>. Acesso em 12 abr. 2021.

CRAIG, R. What Students Are Doing Is Remote Learning, Not Online Learning. There's a Difference. Opinion – **EdSurge**. 2020. Disponível em: <https://edsurge.com/news/2020-> Acesso em: 12 abr. 2021.

CETC. **Pesquisa TIC Educação**. 2018. Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação. 2018. Disponível em: <https://www.cetic.br/noticia/tic-educacao-2018-cresce-interesse-dos-professores-sobre-o-uso-das-tecnologias-em-atividades-educacionais/>. Acesso em: 12 abr. 2021.

CGI.BR. **Pesquisa Sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nos domicílios brasileiros: TIC Domicílios 2018**. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2019. Disponível em: https://www.cetic.br/media/docs/publicacoes/2/12225320191028-tic_dom_2018_livro_eletronico.pdf Acesso em: 15 abr. 2021.

FERREIRO, E. **Com Todas as Letras**. São Paulo: Cortez, 1993.

KLEIMAN, Angela. **Preciso ensinar o “letramento”? Não basta ensinar a ler e a escrever?** 1. ed. Campinas: MEC/Unicamp, 2005.

LUIZ, Silvania de Souza Felipe. **Alfabetização na pandemia: realidade e desafios**. Monografia (Pedagogia). Universidade Federal da Paraíba/João Pessoa. 2020.

MENESES, Mirucha Mikelle Nunes; FRANÇA, Ana Clarissa Gomes; LOPES, Denise Maria de Carvalho. A alfabetização em tempos de pandemia: o que dizem as lives? - **XXV EPEN** - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação, 2020.

PASINI, Carlos Giovanni Delevati; CARVALHO, Élvio de Carvalho; ALMEIDA, Lucy Hellen Coutinho. **Educação Híbrida em tempo de Pandemia: algumas considerações**. Ministério da Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Observatório Socioeconômico da COVID-19. Fapergs, 2020.

SAMPAIO, Renata. Práticas de Ensino e Letramentos em tempos de Pandemia da COVID. **Research, Society and Development**, 20 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/4430/3755> . Acesso em: 3 abr. 2021.

SANTOS, B. **A cruel pedagogia do vírus**. 1. ed. Coimbra: Almeidina, 2020. Disponível em: <https://www.cpalsocial.org/documentos/927.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2020.

SOARES, Magda. **Letramento**. Um tema em três gêneros. 2. ed., 2. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. Disponível em: <https://ferramentas.unipinhal.edu.br/falladospinhaes/include/getdoc.php?id=106&article=29&mode=pdf>. Acesso em: 2 abr. 2021.

SOARES, Magda; FRADE, Isabel Cristina A. da S.; VAL, Maria da Graça C.; BREGUNCI, Maria das Graças de C. (orgs). **Glossário Ceale**. Termos de Alfabetização, Leitura e Escrita para educadores. Belo Horizonte: UFMG, Faculdade de Educação, 2014. Disponível em: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/alfabetizacao> Acesso em: 19 jun. 2021.

SARAIVA, Karla; TRAVESIRNI, Clarice; Lockman, Kamila. **A educação em tempos de COVID-19: ensino remoto e exaustão docente**. Práxis Educativa, Ponta Grossa, v. 15, p. 1-24, 2020.

TOALDO, T.; FRUET, F.S.O. **Atividades lúdicas no processo de alfabetização e letramento:** jogos educacionais disponíveis na internet. 2010. 15f. Artigo. (Especialização em Mídias na Educação), Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010.